

Variação, preconceito e intolerância linguística: do ambiente físico para o digital

Camilla dos Santos Evangelista (UEA)
Nathalie Anne Conceição de Barros (UEA)
Silvana Andrade Martins (UEA)

Introdução

Com o advento da internet, diversas práticas e realizações sociais vêm sofrendo modificações constantes. Dentre estas, a linguagem, em sua modalidade escrita, que, em certos gêneros digitais, passou a ser, notoriamente, mais curta, versátil e dinâmica. Essas características que a escrita eletrônica assume, além de oferecerem uma melhor relação comunicativa entre os internautas, impulsionam o surgimento de novas modalidades de escritas, como o *internetês*, configurando-se em um novo tipo de escrita que possui muitas características presentes da modalidade oral.

No entanto, neste âmbito da Web, conhecido como ciberespaço, tem-se percebido a presença, cada vez mais constante, do preconceito e intolerância linguística, gerado por aqueles que ainda veem a língua como um sistema uniforme e imutável. Ou, ainda, por aqueles que não toleram o falar diferente do que a norma de prestígio social prescreve e, por isso, discriminam os que desviam da norma culta da língua. Verifica-se que esse preconceito linguístico atualmente tem se expandido do espaço social para alcançar também o digital.

Nessa perspectiva de evidenciar e discutir a respeito do preconceito linguístico no ambiente digital, apresenta-se este estudo, que se norteia em Bagno (2003, 2008, 2015), o qual mostra como se constitui o preconceito contra as variações linguísticas no Brasil, apresentando algumas falsas alegações quanto à norma culta da língua, além de procedimentos e reflexões para combater o preconceito linguístico na sociedade e principalmente no âmbito escolar; em Leite (2008), que discute os conceitos de preconceito linguístico e intolerância na linguagem, situando o leitor quanto às duas situações; em Soares (2000), que fala sobre os diferentes dialetos; em Chartier (1998), que discorre em referência ao advento do discurso na internet, além de outros autores, que serviram para tecer este exercício de investigação.

Sabe-se que as línguas naturais variam e mudam devido aos fatores sociais e não há expressões ditas como corretas ou erradas, mas adequadas ou não aos diferentes contextos de uso, nos quais os fatores linguísticos e não linguísticos são observados (CEZARIO & VOTRE, 2008, p. 141-155).

A variação e a mudança linguística são fatores intrínsecos a toda e qualquer língua. Não há nenhuma pressão externa que possa conter o curso de uma língua. Por exemplo, no Brasil, a imposição dos colonizadores para o uso da língua portuguesa não foi (e não é) suficiente para impedir a diversidade linguística em nosso país, onde não há uma homogeneidade no falar do português. Além disso, juntamente com o português, no Brasil, são faladas pelo menos mais 200 línguas, dentre elas cerca de 180 são indígenas, além de outras faladas por povos que migraram para o Brasil, as quais influenciam e recebem influências do português brasileiro.

Entretanto, a maneira com que uma comunidade linguística pronuncia certas palavras serve para identificar os indivíduos que pertencem a ela. No entanto, dependendo do status social dessa variedade linguística utilizada, os indivíduos podem ser prestigiados ou discriminados socialmente.

As camadas socioeconomicamente privilegiadas zelam pelo uso linguístico conforme prescrito pela norma padrão da língua. Contudo, a norma padrão é um modelo idealizado de língua, e esses mesmos falantes são pegos em suas próprias armadilhas, utilizando estruturas gramaticais, expressões, pronúncias que discriminam. Portanto, eles mesmos não obedecem às “leis” gramaticais às quais prestam reverência, pois a variação faz parte da natureza dos usos linguísticos tanto nas modalidades da fala quanto da escrita.

Por isso, os fatores de intolerância e preconceito linguístico só poderão ser amenizados por meio da tomada não só da “consciência linguística”, mas da consciência de que ocorre esse prejulgamento quanto às variações linguísticas e que se superestima a norma culta da língua. Essa atitude preconceituosa em relação a certos usos linguísticos que são empregados no cotidiano, inclusive das escolas, também já está presente no comportamento das pessoas nos usos das redes sociais, na *internet*. Desta forma, discute-se esses fenômenos, evidenciando que o conhecimento da realidade das variedades linguísticas pode diminuir a incidência do preconceito linguístico e aumentar o exercício da tolerância e respeito com as diferenças.

O preconceito e a intolerância linguística

O ser humano, como um ser essencialmente social, possui a necessidade de se comunicar com seus semelhantes, expressando assim seus pensamentos e emoções. Para isso, utiliza-se, como meio, a língua. No entanto, muitas vezes, depara-se com preconceitos que o inibem do uso livre dessa língua adquirida no convívio familiar e comunitário, forçando-o a adquirir uma nova forma de expressar-se que seja condizente com a norma culta de seu idioma.

No território brasileiro, os preconceitos presentes até o século atual têm suas origens no período colonial, visto

que, neste período, o povo europeu, em função de ser o detentor do poder, impôs aos povos dominados, indígenas e afrodescendentes, seus pensamentos e ideologias que passaram a ser consideradas verdades absolutas.

No que se refere à língua ou idioma, esse preconceito materializou-se, inicialmente, com a negação da língua dos povos nativos que foram obrigados a abandonar seus dialetos próprios e línguas maternas e a se expressarem utilizando o idioma português. Além disso, houve a padronização de uma forma de escrever e de falar, aceita como única forma correta de comunicação da língua portuguesa. Soares (2000, p. 82-83) afirma que:

Dialeto padrão: também chamada norma-padrão culta, ou simplesmente norma culta, é o dialeto a que se atribui, em determinado contexto social, maior prestígio; é considerado o modelo – daí a designação de padrão, de norma - segundo o qual se avaliam os demais dialetos. É o dialeto falado pelas classes sociais privilegiadas, particularmente em situações de maior formalidade, usada nos meios de comunicação de massa (jornais, noticiários de televisão, etc.) ensinado nas escolas, e codificado nas gramáticas escolares.

Com isso, todas as formas que se distanciavam desses padrões passaram a ser consideradas erradas e inaceitáveis. Bagno (2003, p. 76) corrobora essa afirmação argumentando que:

Os discursos em prol da pureza do idioma estão associados a um forte preconceito (linguístico) em vigor em nosso país desde a época da colonização; discurso esse que se sustenta na premissa de que há apenas uma forma (correta) de falar/ escrever português, forma essa denominada norma culta que de tão amplamente difundida pela escola, assumiu a condição de norma-padrão.

Ao impor a norma-padrão, passou-se a considerar inferiores as variações linguísticas existentes nas diversas regiões do país, ou seja, passou-se a desconsiderar os vários falares de uma mesma língua que se diferenciavam em cada grupo social, além de perceber variações também em função da faixa etária, grau de escolaridade, gênero etc, como diz Bagno (2008, p. 20):

Até agora, falamos das variedades geográficas: a variedade portuguesa, a variedade brasileira, a variedade brasileira do Norte, a variedade brasileira do Sul, a variedade carioca, a variedade paulistana. Mas a coisa não para por aí. A língua também fica diferente quando é falada por um homem ou por uma mulher, por uma criança ou por um adulto, por uma pessoa alfabetizada ou por uma não-alfabetizada, por uma pessoa de classe alta ou por uma pessoa de classe média ou baixa, por um morador da cidade e por um morador do campo e assim por diante. Temos então, ao lado das variedades: de gênero, socioeconômicas, etárias, de nível de instrução, urbanas, rurais, etc.

Todas estas manifestações de variações envolventes em nossa língua demonstram que somos seres sociáveis, que ao praticarmos interações discursivas com pessoas de diferentes classes sociais, idade, sexo, podemos nos moldar de acordo com os interlocutores, ao contexto no qual estamos inseridos e às situações, adquirindo traços e marcas linguísticas dessa comunicação social.

Assim, explicita-se a desmistificação da existência de línguas uniformes e unilaterais, percebendo-se que as línguas não são mortas, pois estão em constantes movimentações e renovações, como no caso da Língua Portuguesa, conforme Bagno (2008, p. 18) argumenta:

Primeiro, no Brasil não se fala uma só língua. Existem mais de duzentas línguas ainda faladas em diversos pontos do país pelos sobreviventes das antigas nações indígenas. Além disso, muitas comunidades de imigrantes estrangeiros mantêm viva a língua de seus ancestrais: coreanos, japoneses, alemães, italianos, etc.

Bagno continua afirmando que “na Língua Portuguesa, o português-padrão é falado por pessoas que detêm o poder e estão nas classes sociais mais privilegiadas” (2008, p. 28), que sabemos, é uma pequena minoria da população do Brasil, enquanto que “o português não-padrão é a língua da grande maioria pobre e dos analfabetos do nosso povo”, em que:

[...] a língua das crianças pobres e carentes que frequentam as escolas públicas. Por ser utilizado por pessoas de classes sociais desprestigiadas, marginalizadas, oprimidas pela terrível injustiça social que impera no Brasil – País que tem a pior distribuição da riqueza nacional em todo mundo – O PNP é vítima dos mesmos preconceitos que pesam sobre essas pessoas. Ele é considerado ‘feio’, ‘deficiente’, ‘pobre’, ‘rude’, ‘tosco’, ‘estropiado’ (BAGNO, 2008, p. 28).

Não existe uma única forma de se expressar, cada indivíduo ou grupo é detentor de um papel ou função e participativo de uma camada na esfera social, os quais diretamente ou indiretamente refletem no seu modo de se expressar. Desta forma, a imposição da utilização da variedade padrão, como forma exclusiva de comunicação, é não aceitar a variedade linguística e gerar certa discriminação ou preconceito e principalmente uma intolerância com os diversos fenômenos linguísticos existentes nos grupos sociais. Segundo Leite:

O preconceito não surge exclusivamente de uma dicotomia, pode ser uma rejeição, um ‘não-querer’, um ‘não-gostar’ sem razão, amorfos, e pode até mesmo não se manifestar; a intolerância, por sua vez, nasce necessariamente de julgamentos, de contrários, e se manifesta discursivamente. É resultado da crítica e do julgamento de ideias, valores, opiniões e práticas (LEITE, 2008, p. 22).

Portanto, o preconceito e a intolerância são comportamentos bastante observáveis nos diversos âmbitos sociais, sejam eles cotidianos, institucionais ou midiáticos. O preconceito linguístico se entrelaça numa concepção adquirida previamente sem o conhecimento ou informação suficiente a respeito da ocorrência do fenômeno envolvido, revelando o desconhecimento da Sociolinguística e das variedades linguísticas, assim como o de que determinada variedade linguística faz parte do português e da evolução da língua.

A intolerância, diferentemente do desconhecimento, expressa atitudes ou crenças contrárias à convicção do indivíduo, a ele não aderir opiniões, estando vinculada aos valores culturais aceitáveis por determinados grupos sociais, gerando assim, sentimentos de ódio, agressividade e superioridade ao modo de agir e de se expressar de um indivíduo ou grupo social.

O advento da internet e as formas de discriminação digital

A linguagem humana é uma das práticas sociais mais antigas das quais temos conhecimento. A escrita foi desenvolvida, conforme dados históricos, apenas em 1.500 a. C., pelos sumérios, na Mesopotâmia. Esse ato de representar a língua por meio de códigos constitui-se a principal via da linguagem humana para a comunicação em sociedade, nos diversos suportes em que ela se realiza.

Depois de a escrita e a linguagem humana circularem apenas no espaço físico, tais como em livros, jornais e paredes, na década de 40, surgiram os primeiros computadores, máquinas estas que dão suporte ao espaço virtual, hoje denominado ciberespaço. Neste novo espaço, a escrita, como forma de comunicação, também foi introduzida.

Não obstante, logo após a invenção do computador como um equipamento digital, uma nova efervescência estava a eclodir: o surgimento da Internet. Criada em 1969, no auge da Guerra Fria, este novo modelo de comunicação tinha como objetivo, primordialmente, o contato e a comunicação entre os soldados a fim de minimizar ataques de inimigos na guerra. Foi apenas no início dos anos 1990 que a Internet começou a se desenvolver e se propagar a diversos lugares do mundo. Castells (2003, p. 43) nos certifica que foi a partir deste ano que o “britânico Tim Bernes-Lee desenvolveu a World Wide Web (WWW), possibilitando a utilização de uma interface gráfica e a criação de sites mais dinâmicos e visualmente interessantes”.

Com isso, a ascensão da Internet progrediu de modo contínuo e hoje é considerada como um dos mais importantes inventos comunicativos. A partir daí, viveu-se a era da revolução digital, ou seja, este espaço passou de um simples meio de interação ao principal meio comunicativo do mundo, visto sua instantaneidade, flexibilidade e agilidade ao propagar diversas informações. Além disso, passou a ser um importante meio ao lazer e entretenimento, com uma gama de inovações e pessoas conectadas e comunicando-se simultaneamente.

Aspectos dessa revolução podem ser notados com o drástico crescimento no número de pessoas as quais a internet vem, até hoje, atingindo, além dos navegadores que se espalharam no mercado para o acesso a ela, a agitação da interatividade nas redes sociais etc. Isto tudo fez com que houvesse, conforme descreve Chartier (1998), a revolução do texto/discurso digital, que a partir de então passa a ter algumas características que o difere do que ocorre em outros suportes.

Com o advento da internet, diversas práticas e realizações sociais, como algumas já apontadas, vêm sofrendo modificações constantes, dentre estas, a linguagem que, por meio da escrita, passa a ser mais rápida e instantânea. Essas características que a escrita eletrônica assume, além de oferecerem uma melhor relação comunicativa entre os internautas, impulsionam o surgimento de novas modalidades de escritas e, posteriormente, novos gêneros, como o *internetês*, por exemplo.

Como Bakhtin (2003, p. 42) pronuncia, os gêneros discursivos são “entendidos como domínios ideológicos que dialogam entre si e produzem, em cada esfera, formas relativamente estáveis de enunciados”, ou seja, segundo este pensamento a utilização da língua é feita sempre por meio de um determinado gênero. Eles surgem de acordo com a necessidade da sociedade em comunicar-se e expressar-se plenamente. Com isso, diversos gêneros, com a revolução da internet, foram criados para saciar os anseios comunicativos dos usuários, chamados agora de internautas. Os principais gêneros que se pode observar em nossa cultura atual são: os *memes*, os *posts*, os comentários, as respostas dos comentários, os *tweets* etc.

Com o ambiente digital, diversos itens foram reformulados e alterados, sobretudo a linguagem que passou a ser mais curta, versátil e dinâmica. Advindo daí, o *internetês*, que traz um novo modo de escrita no ciberespaço e passa a ser mais utilizado neste ambiente. Esse recurso, para Faraco (2007, p. 17):

Nada mais é do que uma espécie de taquigrafia. É apenas um modo de grafar a língua que se tornou necessário nos chamados chats. Quando escrevemos, não conseguimos acompanhar o ritmo da fala. Por isso, inventamos esses sistemas taquigráficos, estenográficos e assemelhados. Foi exatamente o que aconteceu nas conversas na Internet.

Portanto, o *internetês* é a linguagem dominante no ciberespaço e amplamente usado nos diversos gêneros presentes nele. Este recurso encontrado pelos internautas tem sofrido bastante enfrentamento e, assim, percebido a presença, cada vez mais constante, da intolerância por parte daqueles que ainda veem a língua como um sistema uniforme e imutável ou ainda daqueles que não toleram o falar diferente, nem aquele que se desvia da norma culta da língua, constituindo assim o conhecido preconceito linguístico, que agora, além do espaço social, alcança o digital.

É notório e corrente o fato de a língua sempre sofrer a intolerância daqueles que não conhecem suas variações e sua dinamicidade. À vista disso, observa-se que, com o advento da internet, com a revolução do ciberespaço e do texto eletrônico, esta intolerância, denominada de preconceito linguístico, tem migrado para este novo espaço, e nele se propagado, fundamentado na análise que aqui se apresenta de um post publicado no *Facebook*.

Intolerância e preconceito linguístico na internet

Com o propósito de evidenciar os indícios das manifestações intolerantes e/ou preconceituosas constatadas no ambiente digital, este estudo analisa comentários da rede social *Facebook* em que essas manifestações são perceptíveis.

A escolha por essa rede social ocorreu por se tratar da rede mais utilizada e em evidência atualmente, em caráter mundial. Serão analisados os gêneros digitais *posts* e comentários presentes nesse ambiente digital. A rede social *Facebook* conta com postagens, chamadas de *Posts*, que as pessoas escrevem quando querem contar algo para seus seguidores. Essas postagens podem ser em forma de textos escritos, imagens, memes, gifs e podem ser comentadas pelos seguidos, utilizando os mesmos recursos. Por isso, dentro daquele mesmo comentário, podem existir mais e mais, infinitos comentários. Essas postagens são compartilhadas por outro usuário da rede, caso a postagem esteja aberta para o público, ou apenas por seguidores do indivíduo que fez a postagem. No *Facebook* existem páginas criadas para tratar de um assunto específico (aqui, no caso, de um ator específico) e essas páginas são chamadas de *Fan Pages*.

As análises a serem abordadas e realizadas por esse estudo foram retiradas de uma publicação da *Fan Page* do cantor Tico Santa Cruz, conhecido por ser uma figura brasileira de grande notoriedade quando se trata de polêmicas geradas a partir da rede *Facebook*. O *post*, que foi publicado pelo próprio artista, trata-se de uma notícia, a qual informava que mulheres desistiam de relacionamentos com pessoas que “deslizavam” na gramática. A partir desta publicação, milhares de comentários, curtidas e compartilhamentos surgiram, estando bastante visível, na maioria destes, a intolerância e o preconceito em relação à maneira e à variação da língua. Com isso, a publicação serviu de corpus para se verificar de que maneira dá-se esse fenômeno nas redes sociais. Na Figura 1, apresenta-se o post do cantor, no qual se pode perceber quantas curtidas, comentários e compartilhamentos essa única postagem obteve, o que chama atenção para a análise:

Figura 1: Post do cantor Tico Santa Cruz



Fonte: <<https://www.facebook.com/ticosantacruz/photos/a.466906180108694.1073741828.464835070315805/656837634448880/?type=3&theater>>.

Na sequência, analisa-se o primeiro comentário, apresentado pela Figura 2:

Figura 2 – Comentário 1



Fonte: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=791029747653305&set=p.791029747653305&type=3&theater>>.

Como se sabe, o ambiente digital proporciona uma grande quantidade de ferramentas que podem ser utilizadas para a comunicação, ou até mesmo a junção destas, fenômeno conhecido como multimodalidade. Na Figura 2, observa-se que, no comentário do *post*, há ausência de textos e ele é construído somente por uma montagem de uma imagem. Considerando a imagem como uma resposta a uma fala diferente daquela exigida pela gramática normativa, constata-se nele um comportamento preconceituoso do internauta.

Leite (2008) trabalha e explicita a diferenciação entre intolerância e preconceito linguístico relacionados à língua. Para a autora, as atitudes preconceituosas conduzem o falante à intolerância, sendo esta “uma atitude de não admitir opinião divergente e, por isso, atitude de reagir com violência ou agressividade a certas situações”, já o preconceito “pode existir sem jamais se revelar” (LEITE, 2008, p. 20).

Com isso, consideramos o preconceito uma forma menos explícita de um discurso discriminatório, enquanto

que a intolerância constitui-se na incapacidade de um sujeito lidar com conceitos, ideias e crenças contrárias às suas. Portanto, o comentário posto acima é atribuído à concepção de preconceito, de acordo com Leite (2008).

A construção do preconceito presente no referido gênero constitui-se de uma montagem que resultou na imagem apresentada na Figura 2, ou seja, a construção por meio de uma foto do famoso gramático e professor Pasquale Cipro Neto, juntamente com uma arma apontada em sua frente. A intenção na montagem da foto fica clara apenas se houver conhecimento da figura do referido gramático que, para Bagno (2015), é um importante gramático brasileiro, conhecido por sua competência como estudioso da língua e por suas posturas políticas e pedagógicas nada revolucionárias com ideário conservador e elitista. O ato de estar apontando uma arma para si mesmo reflete na ação de desistir, de abdicar-se da vida, que, na montagem, constitui-se na metáfora dos mesmos atos em relação a seus persistentes ensinamentos sobre o correto uso da língua portuguesa.

A partir dessa interpretação, o que fica a cargo do leitor, podendo este não ter habilidade para tal, é que se tem o conhecimento, embora implícito, do preconceito linguístico presente. Entretanto, assim como ocorre em outros casos deste tipo de preconceito, ele ainda passa despercebido por aqueles que desconhecem as diversas variações da língua ou para os defensores do uso exclusivo da gramática normativa. Para Leite (2008, p. 14), “a linguagem é um fenômeno multiforme e heteroclítico, que se manifesta diversamente de usuário para usuário, de circunstância para circunstância”. O não conhecimento dessa dinamicidade da língua é uma das principais causas que resulta na intolerância e no preconceito linguístico.

O comentário 2, apresentado pela Figura 3, também foi retirado a partir do post do cantor Tico Santa Cruz abordado no primeiro caso:

Figura 3: Comentário 2



Fonte: <https://www.facebook.com/ticosantacruz/photos/a.466906180108694.1073741828.464835070315834/656837634447880/?type=3&comment_id=656857394446904&comment_tracking=%7B%22tn%22%3A%22R4%22%7D->>.

Trazendo os conceitos apresentados e discutidos por Leite (2008), verifica-se que o comentário 2, visto na Figura 3, carrega um alto teor de intolerância por parte da internauta em relação às variações da língua.

Nesse comentário, constata-se que o preconceito aparece mais visivelmente e de forma mais agressiva quando se compara com o primeiro, visto que aqui aparece explicitamente, de forma que apenas os que não têm conhecimentos apontam como uma atitude natural. As evidências de práticas intolerantes referentes à língua são apontadas por Oliveira (2012, p. 12-13) e apresentadas como “atitudes de ódio e agressividade” e ainda acrescenta que “o ódio é um determinante para a ocorrência da exclusão, segregação, discriminação de pessoas ou mesmo ato de violência física ou psicológica”.

O preconceito visível se constitui pelo modo agressivo de como a internauta se manifesta em relação aos desvios das normas cultas, principalmente quando diz: “meus ouvidos não aguentam” e “meus olhos se negam”. Esse tipo de intolerância conduz à exclusão daquele ou daquilo que é diferente, conforme Leite (2008, p. 24) comenta: “essa exclusão, como a história mostra, não é silenciosa, ao contrário, implica comportamentos violentos, agressivos, que atingem o outro na sua integridade física, moral ou racial”.

Sabe-se que as marcas de vivência do ser humano são sinalizadas por diversos atos, incluindo a linguagem verbal, que se manifesta de acordo com o grau de conhecimento do falante. Entretanto, alguns destes não possuem um repertório linguístico disponível para as diversas situações do cotidiano, talvez por oportunidade de adquiri-lo. Com isso, as formas agressivas de intolerância, como observadas no comentário, trazem, além do preconceito, uma tendência à exclusão e ao ferimento à integridade moral dessas pessoas, pois, como apontado por Leite (2008), o preconceito é uma arma que fere tal como todas as outras, fato que se evidencia no referido comentário encontrado na Web.

Os próximos comentários a serem analisados também surgem a partir do mesmo *post* dos anteriores.

Figura 4 – Comentário 3



Analisando a Figura 4, pode-se aferir um típico comentário que adere concepções conflituosas entre língua e gramática normativa, pelo qual se concebe a língua como um sistema de normas prescritas a serem obedecidas, o que estabelece uma padronização de escrita e fala e exclui-se a heterogeneidade linguística. Essa concepção está intimamente relacionada a uma visão tradicional, na qual abarca a língua como um sistema imutável. Seguindo essa linha de pensamento, a internauta demonstra que a utilização de uma linguagem não culta, cotidiana e costumeira traz consequências aos indivíduos, principalmente na formação de seu ponto de vista referente a relacionamentos amorosos.

Esse prejuízo amoroso está relacionado ao preconceito de que o conhecimento da língua se resume basicamente em conhecer os aspectos gramaticais. Bagno (2003, p. 43) chama a atenção para o fato de que: “é o preconceito de que existe uma única maneira ‘certa’ de falar a língua. É que seria aquele conjunto de regras e preceitos que aparece estampado nos livros chamados gramáticas”. A internauta sugere uma situação hipotética que caso conhecesse alguém, o qual estivesse conversando e mandasse uma mensagem a ela com os seguintes desvios “bicicreta”, “pra” e “nois”, comumente utilizados na oralidade, jamais ela manteria um relacionamento com essa pessoa.

Nota-se, também, novamente, um discurso institucionalizado indiretamente ligado à norma padrão, o qual acarreta e demonstra um preconceito e uma intolerância linguística latente, concreta e visível, quando a internauta explicita: “Homem inteligente é outro nível” / “Desligo minha campainha e faço de conta que não estou em casa”. Observa-se que a internauta faz esta inter-relação entre o não domínio da gramática normativa com a falta de intelectualidade e incapacidade cognitiva, chegando a concluir que apenas os que utilizam a norma culta são capazes de entrar em um discurso ou interação social. Entretanto, ela mesma comete um desvio, escrevendo “derrepente” e não percebe seu “erro”.

Figura 5 - Comentário 4



No que tange à linguagem, muitas vezes o preconceito linguístico passa despercebido. Entretanto, a intolerância linguística é mais impactante, pois se manifesta por intermédio de pensamentos autoafirmativos, principalmente daqueles que manifestam certo “ar de superioridade” em relação à linguagem do outro. Segundo Leite (2008, p. 13), a “intolerância linguística existe e é tão agressiva quanto a outra, pois atinge o cerne das individualidades”.

Desse modo, Leite evidencia que a intolerância brota de uma série de concepções contrárias, manifestadas discursivamente, sendo ela “resultado da crítica e do julgamento de ideias, valores, opiniões e práticas” (2008, p. 22). Esse sentimento é de desrespeito às particularidades da fala do outro, do diferente. Presencia-se que, no *post* apresentado pela Figura 5, a internauta comenta de maneira bem convicta sua concepção em detrimento das mais variadas manifestações linguísticas existentes, expõe-se com atitudes repugnância e agressividade em referência ao modo de falar do outro, em consequência da não aceitação da fala do outro e, assim, demonstra a sua intolerância aos “erros” de português: “Eu desanimo! Escrever errado não dá. Pq se a pessoa escreve errado, provavelmente fala errado. Escreve como fala sabe!”. Contudo, ela não percebe também que está aderindo a uma nova forma de escrita, uma vez que não escreve segundo os ditames da Gramática Normativa, pois utilizou a expressão “pq” ao invés do “porque” escrito discursivamente. Essa é uma variação da escrita, disseminada principalmente com o advento da internet, ocasião em que algumas palavras sofreram uma redução em sua forma escrita, como é o caso da palavra “porque” que, no internetês, é representada pelas consoantes iniciais de suas sílabas: “pq”, alterando sua ortografia. A internauta também comete erros de pontuação, o que, a seu ver, também seria uma afronta à Língua Portuguesa.

O que se verifica nos comentários é que o preconceito e a intolerância linguística estão atrelados à hipocrisia, pois as mesmas pessoas que criticam e apontam os erros dos outros não conseguem perceber os seus próprios erros, sejam eles de gramática, de pontuação, de concordância etc.

Com mais de 20 mil comentários, quase 300 mil curtidas e mais de 100 compartilhamentos no *post* analisado, o que se constatou é que uma minoria ínfima foi contrária a essas opiniões discriminatórias. Portanto, a prevalência são comentários favoráveis à postura de não aceitação de relacionamentos com aqueles que cometem erros gramaticais. Os comentários são de ambos os gêneros, e não somente mulheres, como a reportagem do *post* do cantor afirmava, pois, nos comentários, tanto homens quanto mulheres posicionaram-se contra à aceitação das formas variantes e a favor somente do uso padrão da língua, conforme prescrito pela Gramática Normativa, como se verifica na Figura 6.

Figura 6: Comentário 5



Fonte: <https://www.facebook.com/ticosantacruz/photos/a.466906180108694.1073741828.464835070315805/656837634448880/?type=3&comment_id=656857394446904&comment_tracking=%7B%22tn%22%3A%22R4%22%7D>.

A análise dos comentários evidencia um retrato das atitudes preconceituosas e intolerantes da sociedade atual em relação aos usos da Língua Portuguesa. O que mostra um desconhecimento de que as línguas variam e que seus usos devem ser adequados aos seus contextos. Mesmo a norma culta sofre variações em seus usos. E, ficou evidente que muitos daqueles que bradam conhecer as regras da norma-padrão e que defendem o emprego da norma culta em todos os contextos das práticas sociais, escorregam também ao falar e ao escrever conforme esta norma. Não se quer dizer com isso que quem “ache” que sempre obedece à norma culta esteja licenciado a acusar e discriminar o outro.

As análises apresentadas mostram o abismo que há entre as “variedades urbanas linguísticas” e a noção preconceituosa de “língua culta”, que se tornaram evidentes mediante os usos linguísticos empregados na rede social. A esse respeito, Bagno (2015, p. 164) afirma que: “esse abismo nasce da recusa dos defensores da gramática tradicional de acompanhar os avanços da ciência da linguagem”.

Acompanhando o pensamento desses defensores da gramática tradicional, o que se revela é uma *endogamia*, que, segundo Bagno (2015, p. 164): “Como todo comando paragramatical digno do nome, este também se caracteriza por sua inflexível endogamia: para conservar a ‘pureza’ de sua língua, só aceita manter relações com indivíduos de sua própria casta”.

Considerações

O conhecimento em referência a uma língua, a partir da concepção linguística, não se baseia em apenas dominar ou empregar com proficiência um conjunto de regras prescritas e pré-determinadas e definir o que é correto e errado. Ele é muito mais que um igapó parado e inerte (BAGNO, 2015), sem modificações, e sim, sustenta-se no processo propriamente vivo e evolutivo, na capacidade de falar e escrever algo de várias maneiras.

Uma dessas modalidades de linguagem e formas de interagir-se, que surgiu após a guerra mundial, é o internetês, uma linguagem caracterizada como rápida e ao mesmo tempo dinâmica. Em certos gêneros textuais do internetês, observam-se usos que se distanciam das regras normativas da língua portuguesa culta, o que também ocorre nas comunicações face a face. Isso gera as manifestações de intolerância e preconceito por parte daqueles que concebem os usos linguísticos como imutáveis e enraizados numa norma linguística padrão.

Durante toda a história da sociedade brasileira e ainda muito presente nos dias atuais, o ato de falar e escrever, de maneira rebuscada e utilizando sempre a norma culta, foi e é elevado a uma formosura superior, de modo que os que possuem essa aptidão, ou os que acham que a possuem, desprezam as variedades da língua usadas pelas diferentes classes sociais, as que se encontram desprestigiadas economicamente e com menor nível de escolaridade. Além disso, os indivíduos que detêm a norma culta sentem-se com **poder** de retirar o direito do outro de se expressar se não for conforme os ditames da gramática prescritiva. Quem fala ou escreve “diferente” não é menos inteligente, pois, entende-se que ele emprega outra gramática que também o possibilita se expressar plenamente, articulando com coerência as suas ideias, embora se submeta a outras regras vigentes constantes nas variantes linguísticas que dominam e isso ocorre inclusive nos espaços virtuais.

Assim, chama-se a atenção para a necessidade de se refletir a respeito da intolerância e do preconceito linguístico presentes nesse novo ambiente de comunicação, que é a internet, mais precisamente no *Facebook*, uma das ferramentas de comunicação mais utilizadas no mundo. Os comentários da rede analisados demonstram, em sua maioria, o preconceito e a intolerância linguísticos, evidenciando como a ignorância sobre a variação linguística pode deflagrar esse comportamento. Nesse sentido, é imprescindível repensar essas concepções a respeito do uso da língua e aprender a respeitar a diversidade linguística do outro, respeitar aquele que fala diferente de nós.

Também vale ressaltar que não se pretende aqui defender o abandono à norma culta do português, mas deixar claro que o inaceitável é o preconceito e a intolerância presentes nos ciberespaços e que cada usuário tem sua forma de comunicar-se. A principal finalidade desse estudo foi trazer à tona esse problema real da nossa sociedade, fazendo com que mais pessoas possam conscientizar-se e mudar de atitude, passando a refletir antes de julgar o outro. Segundo Bagno (2015, p. 166):

A primeira campanha a ser feita, por todos da sociedade, é a favor da mudança de atitude. Cada um de nós, professor/a ou não, precisa elevar o grau da própria autoestima linguística: recusar com veemência os velhos argumentos que visem

menosprezar o saber linguístico individual de cada um de nós. Temos de nos impor como falantes competentes de nossa língua materna. Parar de acreditar que ‘brasileiro não sabe português’, que ‘português é muito difícil’, que os habitantes da zona rural ou das classes sociais mais baixas ‘falam tudo errado’. Acionar nosso senso crítico toda vez que nos depararmos com um comando paragramatical e saber filtrar as informações realmente úteis, deixando de lado (e denunciando, de preferência) as afirmações preconceituosas, autoritárias e intolerantes.

Em Bagno (2008, p. 103), o diálogo entre Emília e Irene ilustra esse pensamento: “-Ninguém fala ‘mais certo’, Emília, porque todo mundo fala ‘igualmente certo’ - responde Irene. [...] -Todo mundo fala de um modo que tem explicações na história de quem fala esta língua. E falar ‘diferente’, como eu venho insistindo o tempo todo, não é ‘falar errado’”.

Sabendo que os espaços virtuais são locais de intensa comunicação, e que cidadãos do mundo real são os que permeiam o mundo “virtual”, neste estudo, buscou-se desenvolver um pensamento crítico em relação ao indivíduo que, a partir daqui, quando for se conectar à rede novamente, leve consigo essa capacidade crítica, discernimento e consciência para não gerar preconceito linguístico inclusive no meio virtual, aceitando todos os cidadãos, de todas as classes e com toda sua gama de variedade linguística e cultural.

Mais uma vez se esclarece que não se trata de uma apologia contra o ensino da norma culta da língua e ao ensino de gramática, muito pelo contrário. Enfatiza-se que é papel das instituições governamentais, sobretudo da escola, ampliar o repertório linguístico dos membros de sua sociedade, uma vez que, exatamente por não se ter acesso ao conhecimento da norma culta nem todos a utilizam. Porém, essas diferenças de expressão não devem ser usadas como forma de discriminação.

Referências

BAGNO, M. *A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira*. 5. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

_____. *A língua de Eulália*. 16. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. *Preconceito Linguístico*. 56. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BAKHTIN, M. O problema dos gêneros textuais. In: *Estética da Criação Verbal*. Trad.: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CASTELLS, M. *A galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade*. Trad. Maria Luiza Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CHARTIER, R. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: UNESP, 1998.

FARACO, Carlos Alberto. O internetês e a constante mutação da língua portuguesa. In: *Notícias da UFPR*. Curitiba: UFPR, abril/2007, ano 7, n. 40, p. 16-17.

CEZARIO, M. M.; VOTRE, S. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). *Manual de Linguística*. Contexto, 2008, p. 141-155.

FREITAS, L. K. Preconceito Linguístico em rede: uma análise discursiva das representações do Internetês em comunidades do Orkut. In: *Linguagens e Diálogos*, UERN. V. 1, n. 2, 2010, p. 106-120.

LEITE, M. Q. *Preconceito e Intolerância linguística*. São Paulo: Contexto, 2008.

OLIVEIRA, L. J. Preconceito linguístico e intolerância em espaços virtuais. In: *Anais eletrônicos do IV Simpósio Intertextos Tecnologias na Educação*. Recife: UFPE, 2012.

SOARES, Magda. *Linguagem e Escola: uma perspectiva social*. 17. ed. São Paulo: Ática, 2000.